



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

MEMÓRIA E DURAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERSPECTIVAS BERGSONIANAS PARA UMA APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA

DILONETE ALCÂNTARA DE OLIVEIRA¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

CLÁUDIO EDUARDO FÉLIX DOS SANTOS²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender a memória e a duração na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal, a aprendizagem nessa modalidade é concebida como um fluxo de experiências vividas, no qual o passado se integra ao presente de forma viva e dinâmica. Sob uma perspectiva bergsoniana, a memória é uma reconstrução criativa e inovadora, fundamentada nas vivências adquiridas pelo indivíduo. Nesse contexto, os estudantes da EJA trazem uma trajetória de vida marcada por desafios e transformações. Os caminhos metodológicos foram definidos por meio de um ensaio teórico, centrado nos conceitos de memória e duração do pensamento de Bergson, o qual oferece subsídios para repensar a EJA, propondo um modelo educacional mais criativo e dinâmico, em que a memória e a subjetividade são elementos centrais para a transformação. Portanto, é fundamental compreender os conceitos de memória, duração, *élan vital* e criação à luz das experiências desse público, cujas trajetórias são frequentemente marcadas por interrupções e retornos aos estudos, bem como por desafios e mudanças vivenciadas no processo de escolarização. Diante disso, o estudo visa contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas específicas que respeitem as singularidades e particularidades dos estudantes. Contudo, reforça-se a necessidade de repensar essa modalidade, valorizando as trajetórias, as histórias e as memórias vividas pelos estudantes, integrando-as ao processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Bergsoniana. Educação de Jovens e Adultos. Memória.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica que enfrenta desafios constantes na busca pela formação escolar. Isso ocorre porque os estudantes ingressam na escola com trajetórias de vida marcadas por rupturas, resistências e dificuldades enfrentadas para concluir mais uma etapa de escolarização. Assim, enquanto o sistema educacional muitas vezes prioriza a padronização, é importante reconhecer a necessidade de pedagogias que valorizem as experiências vividas, ou seja, os caminhos percorridos.

A EJA constitui-se como modalidade da Educação Básica destinada a sujeitos que, por diferentes razões, tiveram suas trajetórias escolares interrompidas. Esses estudantes retornam à

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS)
Professora Efetiva da Rede Municipal de Ibicoara
Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
2025m0059@uesb.edu.br

²Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS)



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

escola carregando experiências de vida marcadas por rupturas, responsabilidades precoces, múltiplas tentativas de reinserção e, em muitos casos, estigmas sociais. Entretanto, ainda hoje, a EJA é frequentemente concebida de forma marginalizada, com currículos rígidos e práticas pedagógicas pouco sensíveis às singularidades de seus educandos (Costa; Amorim, 2020). Tal realidade evidencia a necessidade de repensar os fundamentos que orientam essa modalidade educacional, valorizando as subjetividades e memórias que os sujeitos trazem consigo.

Nesse sentido, coloca-se a seguinte questão: De que forma os conceitos bergsonianos de memória e duração contribuem para repensar os processos de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos?

O presente trabalho tem como objetivo compreender a memória e a duração na EJA. Para alcançar esse objetivo geral, o estudo se propõe a discutir os conceitos bergsonianos de duração, memória, criação e *élan vital*, destacando sua relevância filosófica; analisar as contribuições de autores clássicos e contemporâneos que dialogam com a temática da EJA; refletir sobre como tais conceitos podem subsidiar práticas pedagógicas que valorizem as trajetórias, memórias e subjetividades dos estudantes da modalidade.

A fundamentação parte da filosofia de Henri Bergson, cujas noções centrais oferecem um instrumental teórico capaz de iluminar os processos educativos. O autor compreende a duração como o tempo qualitativo, vivido e subjetivo, distinto do tempo cronológico e fragmentado. Trata-se de um fluxo contínuo em que passado, presente e futuro se interpenetram, constituindo a própria experiência da vida (Bergson, 2005).

No que se refere à memória, Bergson (1999) distingue a memória habitual, associada às repetições automáticas ligadas ao corpo e às práticas cotidianas, da memória pura, entendida como recordações singulares carregadas de emoção e significado. Essa memória não se limita a uma função psíquica, mas assume caráter ontológico, conservando o passado como dimensão constitutiva do ser. Tal perspectiva revela que, na EJA, as histórias e experiências de cada estudante não apenas permanecem vivas, mas podem ser continuamente atualizadas como recurso pedagógico.

Outro conceito fundamental é o *élan vital*, definido por Bergson (2005) como impulso criador que anima a vida. No contexto da EJA, esse impulso se manifesta na decisão dos sujeitos de retornar à escola, mesmo diante de desafios socioeconômicos e familiares. O *élan vital* traduz a força vital que os impulsiona à reinvenção, à resiliência e à busca de novos sentidos para suas



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

trajetórias.

Deleuze (1999), ao interpretar o bergsonismo, reforça que a memória é diferença e a matéria é repetição, apontando que a criação de novos sentidos emerge justamente quando a experiência rompe com a mera reprodução. Maciel Júnior (2017), por sua vez, discute a duração como realidade indivisível e aberta, reafirmando que a vida é processo em constante devir. Ao lado desses referenciais filosóficos, estudos educacionais contemporâneos (Tamarozzi; Costa, 2009; Souza, 2023) destacam a importância de reconhecer a pluralidade das experiências na EJA, defendendo currículos flexíveis, metodologias ativas e práticas que respeitem os ritmos e contextos dos estudantes.

Assim, este artigo propõe articular os conceitos bergsonianos de duração, memória, criação e *élan vital* com os desafios da EJA, de modo a construir uma reflexão que valorize o tempo vivido, as histórias singulares e as subjetividades dos educandos. Parte-se da compreensão de que a aprendizagem, nessa modalidade, não deve ser concebida como simples repetição, mas como experiência transformadora e criativa, na qual a memória se atualiza continuamente e a duração possibilita novas formas de viver e aprender.

Caminhos metodológicos

O presente estudo configurou-se como um ensaio teórico, modalidade que, segundo Meneghetti (2011, p. 322) “caracteriza-se pela sua natureza reflexiva e interpretativa, diferente da forma classificatória da ciência.” Esse tipo de investigação não trabalha diretamente com dados empíricos, mas sistematiza categorias teóricas elaboradas por outros autores, possibilitando a construção de novos olhares a partir de referenciais já consolidados. O ensaio é “um meio de análise e elucubrações em relação ao objeto, independentemente de sua natureza ou característica” Meneghetti (2011, p. 322).

Para garantir a consistência da análise, adotaram-se critérios de seleção claros para a escolha das obras que compõem o corpus teórico: relevância conceitual – autores que discutem diretamente os conceitos de memória, duração, criação e *élan vital* na filosofia bergsoniana; pertinência educacional – estudos que abordam a Educação de Jovens e Adultos, discutindo seus desafios, especificidades e possibilidades pedagógicas; atualidade – publicações contemporâneas que articulam a filosofia e a educação, permitindo o diálogo entre fundamentos clássicos e as demandas atuais da EJA; e autoridade acadêmica – obras de referência reconhecida no campo da



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

filosofia e da educação, publicadas por editoras consolidadas ou periódicos indexados.

Com base nesses critérios, foram selecionadas as obras de Bergson (1999; 2005; 2006), que apresentam os fundamentos da duração, da memória e da criação; Deleuze (1999), que interpreta o bergsonismo à luz da filosofia da diferença; Maciel Júnior (2017), cuja reflexão atualiza a discussão sobre duração e subjetividade; Souza (2023), que trata da EJA em perspectiva contemporânea; Tamarozzi e Costa (2009), que discutem a especificidade do público da EJA; além de Meneghetti (2011), Cavalcante e Oliveira (2020), entre outros, que fornecem suporte metodológico e conceitual.

A análise consistiu em uma leitura sistemática e interpretativa das obras, com o objetivo de articular os conceitos bergsonianos à realidade da Educação de Jovens e Adultos. A partir disso, o texto foi estruturado em duas seções centrais: duração e memória na EJA, enquanto fundamentos para compreender o tempo vivido e as memórias dos estudantes; experiência e criação na EJA, discutindo o *élan vital* e a potência criadora presente nas trajetórias desses sujeitos. Essa organização permitiu responder ao problema de pesquisa e alcançar o objetivo geral do estudo.

Duração e memória na EJA: fundamentos bergsonianos para a aprendizagem

Em primeiro lugar, é necessário compreender a noção de duração, central no pensamento bergsoniano. Diferentemente do tempo cronológico, mensurável e fragmentado, a duração corresponde ao tempo vivido, subjetivo e contínuo, no qual passado, presente e futuro se interpenetram sem cortes. Como afirma Bergson (2005, p. 8), “a duração pura é a forma que a sucessão de nossos estados de consciência assume quando nosso *eu* se deixa viver, quando se abstém de estabelecer uma separação entre o estado presente e os anteriores.” Essa concepção rompe com a lógica quantitativa do tempo escolar tradicional e abre espaço para reconhecer os diferentes ritmos dos estudantes da EJA, cujas trajetórias não seguem o modelo linear previsto pelas instituições.

Além disso, Bergson (1999) distingue duas formas de memória. A memória habitual refere-se às repetições automáticas ligadas ao corpo e às práticas rotineiras, enquanto a memória pura diz respeito às recordações singulares, carregadas de emoção e significado. Segundo o filósofo, “a lembrança, ao emergir, não se apresenta como uma cópia do real, mas como algo que se atualiza na consciência” (Bergson, 1999, p. 150). Essa perspectiva aproxima-se da noção de



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

memória ontológica, em que o passado se conserva como dimensão constitutiva do ser e não como simples função psíquica. No âmbito da EJA, isso significa reconhecer que as experiências de vida dos estudantes — como o trabalho precoce, a maternidade, a participação comunitária ou religiosa — não apenas permanecem vivas, mas podem ser continuamente mobilizadas como recursos pedagógicos, ampliando o repertório de aprendizagem.

A contribuição de Deleuze (1999, p. 49) reforça essa leitura: “a memória não é o passado, mas o elemento do passado: ela é a coexistência de tudo aquilo que se conserva.” Assim, a repetição mecânica não gera novidade; a transformação ocorre quando a memória é mobilizada como potência criadora. No campo da EJA, tal compreensão implica reconhecer que a aprendizagem não deve restringir-se a exercícios repetitivos, mas deve valorizar os relatos de vida e as narrativas dos educandos como ponto de partida para a construção do conhecimento.

Souza (2023, p. 77) destaca que “as metodologias ativas permitem ao estudante da EJA ver-se como sujeito da própria aprendizagem, articulando saberes escolares e experiências vividas”. Essa perspectiva mostra como a filosofia bergsoniana se atualiza na prática pedagógica contemporânea. Do mesmo modo, Costa e Amorim (2020, p. 12) observam que “o reconhecimento da identidade dos estudantes da EJA e de seus desafios implica acolher seu patrimônio cultural, interesses e necessidades de aprendizagem”, reforçando que a escola deve ser espaço de pertencimento e não de exclusão.

Por fim, Maciel Júnior (2017, p. 96) amplia a noção de duração ao afirmar que “a duração não é uma parte da experiência, mas a condição de toda experiência, pois exprime a heterogeneidade do real em um fluxo indivisível.” Essa visão reforça que a subjetividade dos estudantes deve ser considerada em sua totalidade, como parte de um processo aberto e contínuo de transformação. Nesse horizonte, a duração, quando articulada à memória, ilumina a compreensão da aprendizagem na EJA como processo plural e criativo, capaz de ultrapassar a rigidez dos currículos tradicionais e de promover um ensino verdadeiramente sensível às trajetórias de cada sujeito.

Experiência e criação na EJA: contribuições bergsonianas

A experiência, em Bergson, não se reduz a um acúmulo de dados, mas é marcada pela invenção e pela abertura ao novo. O filósofo entende a vida como movimento criador, em que cada instante inaugura possibilidades inéditas, ou seja, em suas próprias palavras, “a vida é



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

criação incessante, movimento real e não mera repetição de formas já dadas” (Bergson, 2005, p. 13).

Essa concepção desloca a aprendizagem do campo da reprodução mecânica para o da invenção, conferindo centralidade à capacidade de cada sujeito reinventar-se a partir de suas próprias vivências. No contexto da EJA, essa dimensão ganha relevância: o retorno dos educandos à escola não significa apenas recuperar conteúdo não assimilado, mas sobretudo reconstruir identidades e atribuir novos sentidos às trajetórias interrompidas.

Um conceito-chave para compreender esse dinamismo é o *élan vital*, definido por Bergson como o impulso criador da vida. Esse impulso consiste na força que atravessa a existência, conferindo-lhe direção e sentido. Segundo o autor, “a vida é uma corrente de consciência que atravessa a matéria, um impulso vital (*élan vital*) que a arrasta para a criação de formas sempre novas” (Bergson, 2005, p. 92).

Na EJA, esse *élan vital* manifesta-se nas histórias de perseverança dos estudantes que, mesmo diante de adversidades socioeconômicas, familiares ou institucionais, decidem retomar os estudos. Esse gesto não se configura em apenas uma escolha pragmática, mas em um ato de criação que expressa resiliência, esperança e desejo de transformação.

Souza (2023, p. 54) afirma que “os estudantes da EJA não buscam apenas a certificação escolar, mas sobretudo a possibilidade de ressignificar trajetórias, conquistar reconhecimento e fortalecer sua autoestima.” Essa afirmação mostra que a EJA não deve ser vista como espaço de suplência ou compensação, mas como campo de criação de novos horizontes de vida.

Quando aqui se traz Deleuze (1999, p. 71), que afirma: “criar é lançar o pensamento para além de si mesmo, abrindo o campo da diferença”, compreende-se que a experiência da criação não é privilégio da arte, mas atravessa a vida cotidiana, manifestando-se em cada gesto de reinvenção que os estudantes da EJA realizam ao confrontar seus passados e projetar futuros possíveis.

Os estudantes buscam além de uma realização pessoal e profissional, aprender saberes com valores imediatos que possam ser trazidos para a realidade. Eles adentram a escola com suas histórias e memórias de vida experienciadas, muitas vezes difíceis e frustrantes; caso não tenham estímulos e adaptação curricular de acordo suas vivências, muitos evadem por entenderem que há outras prioridades para sua sobrevivência.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

A articulação entre memória, duração e criação reforça essa interpretação. Para Bergson (1999, p. 202), “o presente é, ao mesmo tempo, percepção do passado imediato e antecipação do futuro.” Esse fluxo temporal mostra que cada experiência educativa não se limita ao momento presente, mas é atravessada por lembranças, afetos e expectativas. Assim, na EJA, a aprendizagem deve ser compreendida como processo inventivo, em que o passado não é peso morto, mas material vivo que alimenta novas criações.

Além disso, a experiência da criação não é exclusiva da arte, mas deve ser situada na vida. Como descreve Bergson (2005), a vida é a criação contínua, evolução sem fim. Assim, criar é a essência da vida, seja em um pensamento, em uma arte ou em um simples gesto espontâneo. A experiência da criação é um pulso da própria existência, o qual cada instante vivencia-se algo novo. Portanto, o estudante da EJA que retoma aos estudos descobre novas possibilidades e reconstrói sua própria identidade, pois, a educação é um ato de ressignificação do passado e projeção de um futuro renovado.

O autor ainda traz que o *élan vital* representa a vida como impulso criador, que anima a vida e o universo. Aqui não se trata do Deus Criador, mas de uma força impulsionadora imanente à matéria. Assim, o *élan vital*, manifesta-se como força interna na vida dos indivíduos, e na EJA, essa força é necessária, pois os estudantes enfrentam muitos desafios sociais e materiais para estudar, e seu esforço reflete o impulso vital. Essa força resiliente manifesta-se nos estudantes de forma positiva e criativa para que retomem aos estudos, na reinvenção de suas trajetórias e na busca de sentidos em meio às adversidades. Por exemplo, pode manifestar-se como força para romper com o passado, na criatividade e superação, na ressignificação identitária e na ativação da memória criadora. Enfim, atua como a própria essência da vida.

Para Bergson (2005), a criação permite a conexão com a própria vida. A liberdade se dá pela criação, e a criação se dá como ato criador, um criador que introduz algo novo na vida e a coloca em movimento. Com isso, concebe-se que a verdadeira aprendizagem acontece quando rompemos com a repetição mecânica e entramos no fluxo de criação contínua. Assim, a educação como *élan vital* surge do impulso de aprender, começando de dentro como uma necessidade vital e não como uma obrigação externa.

Por isso, Bergson (1999) explica sobre o estado psicológico *meu presente*, que significa uma percepção do passado imediato concomitante a determinação do futuro, apesar de carregar também uma realidade dinâmica que traz um passado que acabou de acontecer e antecipa um



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

futuro que ainda está por vir. Nessa perspectiva, a modalidade EJA, em que os indivíduos cujas trajetórias são carregadas de marcos sociais, interrupções, desafios e expectativas futuras, exige flexibilidade, preparando os estudantes para os desafios imediatos como trabalho e estudo, de forma mais leve e significativa.

Desse modo, a memória desse passado, unida ao presente (que é percepção-ação) e à antecipação do futuro, forma um fluxo que se interpenetra. Como o próprio autor discorre, somos feitos de tempos; não estamos no tempo, mas somos o próprio tempo. Assim, a EJA traz reflexões sobre o tempo vivido, as histórias, as lembranças, as responsabilidades e os projetos de vida. Por isso, o currículo precisa ser adaptável, de acordo com as realidades de cada sujeito.

Na EJA, os estudantes trazem experiências de vida diversas e memórias de vivências marcadas por lutas e desafios diários. A aprendizagem, nesse contexto, deve ser compreendida como um ato de invenção, não de reprodução. É preciso viver a abertura do mundo como fonte de inspiração e evidenciar que a ideia da totalidade aberta não deve ser pensada a partir de categorias fixas, mas sim com uma abordagem sensível às singularidades.

Nesse sentido, Maciel Júnior (2017, p. 118) enfatiza que “o todo é aqui pura expressão das interações, uma variação contínua que se reúne em um ponto de unidade sempre virtual, para em seguida restituir a matéria, na qual as interações materiais expressam uma mudança qualitativa na duração e sua participação no todo.” Essa formulação amplia a compreensão da duração como processo aberto, em permanente devir, e ajuda a pensar a EJA como espaço em que as experiências heterogêneas dos sujeitos — trabalho, família, cultura, fé, comunidade — se entrelaçam num fluxo de criação contínua, capaz de produzir novos sentidos para a aprendizagem e para a vida.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo compreender a memória e a duração na EJA. Partindo da filosofia bergsoniana, a análise mostrou que esses conceitos oferecem subsídios fundamentais para pensar a aprendizagem como processo qualitativo, criador e transformador, em oposição a uma escolarização reduzida à repetição mecânica de conteúdo.

O problema de pesquisa — de que forma os conceitos bergsonianos de memória e duração contribuem para repensar os processos de aprendizagem na EJA? — encontra resposta ao revelar que a duração corresponde ao tempo vivido, subjetivo e contínuo, possibilitando que



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

os diferentes ritmos e trajetórias dos estudantes sejam reconhecidos como legítimos. Como sustenta Bergson (2005, p. 8), “a duração é a forma pela qual a consciência se percebe a si mesma, fluxo indivisível de experiências que não cessam de se transformar.” Tal perspectiva convida a construir práticas pedagógicas que respeitem o tempo interno de cada sujeito.

No mesmo horizonte, a memória pura e ontológica evidência que o passado não desaparece, mas conserva-se como dimensão viva do ser, podendo ser continuamente atualizado no presente. Bergson (1999, p. 150) traz a concepção de que “a lembrança, ao emergir, não se apresenta como uma cópia do real, mas como algo que se atualiza na consciência.” Essa leitura reforça que as memórias dos educandos da EJA — atravessadas por rupturas, resistências e reinvenções — não devem ser vistas como resquícios de atraso, mas como matéria criadora de aprendizagens significativas.

Do mesmo modo, *o élan vital* aparece como impulso criador que anima os sujeitos e lhes permite persistir em meio às adversidades. Retornar à escola, no caso dos educandos da EJA, é expressão dessa força vital que move à reinvenção. A cada gesto de permanência e superação, os estudantes dão testemunho dessa potência vital.

Autores contemporâneos reforçam esse horizonte. Souza (2023, p. 77) defende que “a EJA só cumpre sua função social quando integra os conhecimentos acadêmicos às experiências vividas, valorizando as memórias e identidades dos educandos.” Costa e Amorim (2020, p. 12) complementam ao afirmar que “o reconhecimento da identidade dos estudantes da EJA e de seus desafios implica acolher seu patrimônio cultural, interesses e necessidades de aprendizagem.” Tais aportes convergem com Bergson ao sugerir que a escola não pode impor uma homogeneização temporal e cultural, mas precisa acolher a pluralidade de ritmos e histórias.

A reflexão aqui desenvolvida permite afirmar que a filosofia bergsoniana, ao articular memória, duração, criação e *élan vital*, oferece chaves conceituais para repensar a EJA como espaço de ressignificação e emancipação. A aprendizagem deixa de ser entendida como recuperação tardia e passa a ser vista como experiência criadora, capaz de transformar não apenas o percurso escolar, mas a própria vida dos sujeitos.

Mais do que encerrar, este trabalho abre perspectivas: investigar como essas categorias filosóficas podem orientar práticas curriculares inovadoras, metodologias ativas e processos avaliativos contínuos que respeitem o tempo vivido dos educandos. A memória e a duração,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

quando incorporadas ao campo educacional, reafirmam a EJA como espaço em que a educação se faz viva, plural e profundamente humana.

Referências

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006. Acesso em: 15 ago. 2025.

COSTA, Danielle Sobral Porto; AMORIM, Antônio. Desafios e perspectivas dos alunos da EJA na escola contemporânea. **Cadernos de Educação Básica**, [s. l.], v. 5, n. 3, 2020. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/cadernos/article/view/3051>. Acesso em: 15 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACIEL JÚNIOR, Aterives. **O todo aberto: duração e subjetividade em Henri Bergson**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2017.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320–332, mar. 2011.

SOUZA, Liliane Pereira de (org.). **Educação de jovens e adultos: conhecimento como ferramenta de transformação**. Campo Grande: Editora Inovar, 2023. Disponível em:

<https://editorainovar.com.br/omp/index.php/inovar/catalog/book/1186>. Acesso em: 25 maio 2025.

TAMAROZZI, Edna; COSTA, Renato Pontes. **Educação de jovens e adultos**. 2. ed. Curitiba: Iesde Brasil, 2009.